Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2581unse

NO XXV — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1949 — N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo em Marcha . . . . — *Redação*
Porcos Precipitados . . . . . — *J. B. Chagas*
Divagações Espíritas . . . . . — *Dr. Luiz Martucelli*
Cairbar Schutel . . . . . — *Redação*
Homenagem de José Bonifacio aos espíritas . . . . . — *Spártaco Banal*
Livros e Autores . . . . . — *Leopoldo Machado*
Fenômenos de Materialização . . . — *Amadeu Santos*
Trinta anos entre os mortos . . . — *Dr. Francisco Klörs Werneck*
Pela Vitória do Espírito . . . . — *Pereira Guedes*
Pontos de Vista . . . . . — *Leopoldo Machado*
O Homem Colaborador de Deus . . — *M. Quintão*
Crônica Estrangeira . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

ANO XXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1949 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo em Marcha

O surto progressista do Espiritismo no Brasil é muito expressivo para acreditarmos sem reservas que o nosso país marcha na vanguarda das nações mais adiantadas no campo do espiritualismo.

Efetivamente, de norte a sul o Espiritismo marcha admiravelmente, num desafio destemido aos ataques desapiedados dos corifeus da religião, que dia a dia mais se enfurecem ao ver a debandada das suas ovelhas. E nos seus ataques gratuítos, longe de convencerem os seus descrentes adeptos, cooperam, eficientemente até, para despertarem as creaturas sensatas e amigas da Verdade, que inconscientemente acreditam nos seus dogmas e cultos exteriores, frutos do decaído paganismo, para o estudo da doutrina dos Espíritos, codificada pelo excelso missionário, Leon Hippolite Denizard Rivail (Allan Kardec).

Faz pouco tempo, confirmando esta nossa afirmativa, recebemos carta de um confrade residente em Alagôa Nova, Estado da Paraíba, na qual nos informa sôbre a marcha do Espiritismo nessa cidade e, entre outras cousas, diz o seguinte:

«O Espiritismo está sendo propagado do púlpito da igreja romanista desta cidade. O padre, durante o mês de Maio, ocupou-se exclusivamente do Espiritismo. Quasi se esqueceu das suas atividades político-partidárias para atacar de rijo o Espiritismo.

E os comentários da cidade são sôbre *os sermões de burro*, porque num dos sermões êle se referiu à reincarnação de um burro.

Os sermões não estão dando os resultados desejados; pelo contrário, estão servindo de propaganda, pois as sessões do Centro Espírita «Bittencourt Sampaio» estão ficando à cunha, numa demonstração patente de que o povo não se deixa iludir mais pelo *canto das sereias romanas;* quer factos, quer, enfim, a Verdade em sua pureza».

O que muito tem contribuido para acelerar a marcha do Espiritismo no Brasil é a reprodução sucessiva, e em escala cada vez mais elevada, dos factos demonstrativos da sobrevivência individual. E' verdade que existe ainda muito embuste, mais produto da ignorância do que da má-fé, porém não se póde negar que fenômenos realmente interessantes vêm se verificando nos Centros Espíritas bem orientados, tais como materialização de espíritos, «voz-direta», levitação e transporte de objetos, impressões digitais e trabalhos em parafina, etc. Além disso, o Alto vem brindando o

povo brasileiro com mensagens e ensinos transcendentais, verdadeiras obras primas da literatura, da ciência, da filosofia e da religião, como as que nos são transmitidas através da mediunidade de Francisco Candido Xavier, obras que, apesar de serem reeditadas aos milheiros, se exgotam rapidamente.

O número de jornais e revistas espíritas é apreciável, com tendência a aumentar ainda mais, como prova de que os espíritas não querem viver em *beatífica contemplação*, á espera de que a sua felicidade e o aperfeiçoamento do seu espírito se façam á custa do esfôrço alheio. Querem estudar, querem evoluir e, como sabem que sem obras de caridade, que é o princípio do amor do próximo, não pode haver perfeição espiritual e, portanto, felicidade, empenham-se a fundo no trabalho da assistência social, como anteparo ás investidas dos inimigos gratuitos do Espiritismo e dos espíritas.

Enquanto nos outros países o Espiritismo se desenvolve lentamente, certamente em virtude de ser encarado sob um único aspecto — o científico — no Brasil êle se propaga por toda parte, desde as metrópoles até os lugarejos mais distantes. Há sitios que possuem centros espíritas legalizados, com regular assistência. O nosso representante-viajante, sr. João Leão Pitta, disse-nos que no Estado de Minas, o proprietário de um sitio, tendo se convertido ao Espiritismo, tranformou a igrejinha de sua propriedade num Centro Espírita. São inúmeros os casos idênticos a este, o que constitue prova ou indício seguro de que o Espiritismo — encarado no Brasil sob os três aspectos - científico, filosófico e religioso, vai demolindo as arcaicas crenças religiosas fundadas nos dogmas e cultos externos e implantando em todas as almas a verdadeira fé, a certeza absoluta de que o homem sobrevive á morte do seu corpo físico, em demanda da Perfeição, no seio da Eternidade.

Os espíritas brasileiros estão de parabens, não só porque o Espiritismo avança a passos de gigante, mas também porque o seu trabalho tem dado bons frutos, graças ao adjutório decidido da Milícia Celestial.

Porcos Precipitados

— «E saindo do possesso, os espíritos imundos entraram nos porcos, e a manada que era de alguns dois mil, foi precipitar-se, com grande violência no mar, e alí todos se afogaram». (Mar. V-13).

Escolhemos para o estudo desta crônica a passagem evangélica acima anotada, por constatar que muito dos nossos irmãos, e até alguns de grande responsabilidade no âmbito doutrinário, guardam a respeito da mesma, opiniões divergentes.

Por mais de uma vez temos dito, que o Evangelho sem as explicações trazidas hoje pelo Espiritismo, seria sempre um livro incompreensível, enigmático, mesmo, escudando a nossa opinião na afirmativa do Codificador, quando escreveu que — «O Espiritismo é a chave, com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil». (EVANG. S/ ESP. Cap. VIII n.º 17).

E com o auxílio desta chave, vamos demonstrar como é que o Espiritismo explica, cientificamente, o ocorrido, narrado na passagem evangélica, transcrita; — legítimo fenômeno de assombração ou visualização.

A subjugação consiste na ação dominadora que um mau espíriro exerce sôbre um outro Espírito que, por mais fraco, se deixou dominar e que aquêle sujeita temporáriamente à sua vontade. Para produzir êsse efeito, o subjugador atúa fluídicamente sôbre o outro. No caso de possessão, o domínio é mais completo. Combinando os fluídos do seu perispírito com os do perispírito do incarnado, o mau espírito se introduz no instrumento corpóreo dêste último e lhe imprime uma

ação que é resultante daquela combinação fluídica.

Expelindo dos possessos os espíritos seus perseguidores, fez Jesus que estes se manifestassem visualmente aos porcos, os quais, espavoridos com aquela visão, se precipitaram ao mar, morrendo afogados. Os espíritos obsessores, obedientes à vontade de Jesus, apenas se fizeram visíveis aos porcos, espantando-os. Eles não passaram nem *entraram* para os porcos, como afirmaram os evangelistas, pela ignorância que só agora foi possível revelar a tal respeito.

Facto idêntico, anotou o brilhante escritor Dr. Carlos Imbassahy, na sua recente obra — CIÊNCIA METAPSÍQUICA, referindo-se a um médium que «começou a vêr espíritos que tomavam formas de animais horrendos e lhe falavam; que costuma ser transportado a grandes distâncias e chega a ir aos planetas, onde espíritos maus querem matá-lo com golpes fluídicos». (pags. 177/8 — Gilbert Ballet e Monier Vinard).

Explica-se, assim, as aparições dos zumbís, caiporas, mulas sem cabeça, *etcaterva*...

Quanto ao conhecimento dos meios e processos pelos quais se produzem esses fenômenos de visão nos animais, ainda o não podemos ter, porque nos falta o da natureza dos fluídos, de suas propriedades e das combinações de que são passíveis.

Nem por isso, entretanto, nos deve importar a incredulidade e a negação dos sábios, dos materialistas, de todos os que se supõem senhores exclusivos da verdade, do bom senso, da razão e do mundo, que chamam seu. Para firmarmos a nossa crença, na realidade dos efeitos terríveis e formidáveis da ação dos espíritos inferiores, temos os factos autenticados pelos Evangelistas, temos a ciência espírita, cujo estudo leva ao conhecimento de tais factos, temos a nova revelação, que nos veiu desvendar os segredos do além-túmulo, temos as manifestações mediúnicas que, cada vez em maior número, se dão por toda parte, demonstrando o poder, a extensão e as modalidades várias da atuação dos sêres do plano incorpóreo sôbre os incarnados. (Vêr ELUC. EVANG. pags. 159/60).

ANDRÉ LUIZ, nas suas magistrais obras, instrue-nos muito especialmente a respeito do poder que os espíritos possuem sôbre os fluídos, que eles manejam ao seu bel-prazer, causando as vezes surprêsas aos incáutos, contando êle, felizmente, com um cicerone prestimoso, o irmão Calderaro, que a seu turno o conduziu ao *limiar das cavernas*, uma espécie de «selva escura», a que se referira Dante Alighieri, no seu imortal poema, ao considerar que êle, estudioso que era, muito lucraria em descer até lá, porque encontraria inexgotável material de observação, sem necessidade de enfrentar situações embaraçosas, para as quais êle ainda não se havia apresentado convenientemente... (MUNDO MAIOR, pag. 209).

«A lei que rege as manifestações espíritas, uma vez conhecidas, vem explicar-nos um grande número de problemas julgados sem solução; é a *chave* de uma multidão de fenômenos explorados e ampliados pela superstição». (PRINC. ESPÍRITA, pag. 66).

A Anatomia e a Fisiologia já demonstraram experimentalmente a identidade de composição e de funcionamento vital dos tecidos, quer sejam animais, quer humanos, que poderiamos repetir hoje com *Le DANTEC*, que afirmou que a «substância cão», pode viver na «substância homem».

Analizada a hipótese, porém, pelo que é puramente espiritual, tudo prova, também, não existir entre a alma do homem e a dos animais, mais que uma diferença de gráus, tanto do ponto de vista moral, como do intelectual, considerados, é certo, até determinado limite.

«Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas — diz sabiamente *Allan Kardec* — o princípio inteligente, distinto do príncipio material, individualiza-se e elabora-se, passando pelos diversos gráus da animalidade; é nesses gráus que a alma se ensáia na vida e desenvolve as suas primeiras faculdades pelo exercício; é, por assim dizer, o tempo da incubação. Chegado ao gráu de desenvolvimento que comporta esse estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma. Haveria assim a filiação espiritual do animal ao homem, como existe filiação corporal». (GÉNESIS — Cap. XI — n. 23).

Quanto ao desenvolvimento gradativo da alma — diz-nos Erasto — não ter ela, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito,

numa palavra, que anima o sêr essencialmente perfectível — o homem, o rei da Creação». (LIV. MED. n.º 236).

Compreendemos, assim, que os espíritos imundos não *entraram*, na expressão do termo, para os porcos, porque caso isso ocorresse daria lugar a uma *incorporação*. Muito menos uma subjugação teria ocorrido, porque para que se désse a subjugação, seria necessário e indispensável, que se combinassem os fluídos perispiritais de uns com os outros, o que praticamente, era impossivel, pelas razões adiante expostas pelo Espírito Erasto.

E por hoje é só.

Nova Iguaçú, Julho — 1949.

J. B. CHAGAS.

Divagações Espíritas

Dr. Luiz Maturcelli

A réplica oferecida ás nossas considerações evangélicas fomos qualificados como inimigos da religião de Cristo tão só porque não comungamos com a prática seguida por outras seitas religiosas.

Tal conceito poderia justificar-se se se considerasse como inimigo todo aquêle que atenta contra os interêsses materiais dos que fazem comércio com os princípios divinos, adulterando-os ao sabor das suas conveniências e de acôrdo com a intenção de manter prestígio entre as classes ignaras, explorando a sua bôa fé e vendendo absolvições e indulgências na terra.

São Paulo dizia aos seus ouvintes: — «Examine tudo, mas só abrace o melhor». Nêsse ensinamento êle recomenda que não se deve adotar qualquer princípio religioso sem um exame claro, racional e inteligente de todas as escrituras, para o conhecimento da verdade. Aliás, já o Mestre advertia: — «Êste povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim. Adora-me, porém, em vão, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens». (S. Mateus, cap. 15, v. 8 e 9).

Daí, se os dogmas, as cerimônias aparatosas, discrepam do exemplo de simplicidade, de cordura e piedade santa, fornecidos por Jesus, não vemos em como se deva admitir como verdade intangível os preceitos ditados pelos próprios homens, em completo contraste com os ensinamentos do Mestre.

O Espiritismo, no entanto, não é obra dos homens; não é creação ou adaptação desta ou daquela comunidade religiosa; mas sim a vivificação profunda e real das lições do meigo Nazareno, revelada pelos espíritos por êle postos em comunicação direta com os encarnados.

Dir-se-á que esses espíritos são os próprios demônios tentando os homens. Entretanto, ninguém põe em dúvida a revelação feita a Moisés, no Sinai, dos dez mandamentos da lei de Deus; ninguém contrasta a revelação feita a S. Pedro na cidade de Joppe: «Estando eu orando na cidade de Joppe vi, arrebatado dos sentidos, uma visão, um certo vaso, como um grande lençol que descia do céu e, baixado, vinha até junto a mim. No qual pondo eu os olhos considerei e vi animais da terra, quadrúpedes e féras, e reptis e aves do céu. E ouvi a voz que dizia: levanta-te, Pedro, mata e come; Ninguém duvida sôbre o acontecido a Saulo, depois apóstolo S. Paulo, na estrada de Damasco.

Em tais circunstâncias os espíritos que se comunicam com os homens não são o próprio demônio tentando as creaturas de Deus. E como considerá-los assim se eles recomendam a prática da caridade, do amor ao próximo, a cordura e a fraternidade? Como considerá-los inimigos de Deus se eles recomendam a prece sincera para mais facilmente aproximarem-se dêle? Evidentemente, se fossem demônios, seriam bons demônios pelo bem que praticam, pelo conselho elevado que dão.

Os evangelhos estão prenhes desses ensinamentos, todos eles firmados na doutrina de Jesus.

Segundo esses ensinos a verdadeira religião é aquela que não se exterioriza em cerimônias pomposas que enchem a vista, mas desolam o coração; não é aquela que se cifra nos desfiar das contas

do rosário, mas sim aquela que é sentida e praticada através de atos meritórios, unindo almas e corações, provocando a comunhão dos homens nos verdadeiros laços de fraternidade e amor desinteressado. «Orai em secreto», dizia Jesus. Os cultos exteriores, cheios de exaltação e aparatos, divorciam-se do caminho trilhado pelo Mestre.

Dizia ele : Dai de graça o que de graça recebeste. Afugenta do teu ânimo todo e qualquer sentimento de cobiça, de lucro ou de proveito pessoal e não implantes a discórdia e a desunião. Entretanto o que vemos é justamente o contrário. A venda das absolvições ; as preces pagas ; as indulgências pagas antes do cometimento das faltas.

A religião de Cristo não está nas igrejas, mas nos corações dos homens que seguem o caminho por ele trilhado. Bem o disse Paulo : - Deus fez o mundo e todas as coisas que nele há, este sendo o Senhor do céu e da terra, não habita nos templos feitos pelos homens. Nem tão pouco é servido por mãos de homens, como necessitando de alguma coisa, pois é ele só quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. (Atos, 17-v. 24.)

* * *

Para condenar a invocação dos espíritos desincarnados o nosso distinto contraditor citou a lei Mosaica. Escusa dizer que essa lei foi derrogada pelos Evangelhos do Mestre. Todavia quando fosse de obedece-la, a sua obediência deveria atingir a totalidade dos seus preceitos e não apenas os escolhidos a dedo. Assim teriamos que admitir a justiça de Talião: Olho por olho, dente por dente, contrastando com os ensinamentos de Jesus que pregou o perdão, a humildade e a caridade para com os nossos próprios inimigos.

Como quer que seja, entretanto, o preceito da lei mosaica, não foi devidamente compreendido pelo nosso antagonista. Essa lei proibiu a evocação dos mortos porque essa evocação não compreendia os sentimentos de respeito e de piedade para com eles, mas transformavamna em objeto de especulações, de augúrios e sortilégios. E, por isso, Isaias recomendava : — «Quando vos disserem, — consultai os mágicos e advinhos que balbuciam encantamentos, respondei :— Não consulta cada povo ao seu Deus ? E aos mortos se fala do que compete aos vivos (Isaias VIII, v. 19) e acrescentou :—Sou eu quem aponta as falsidades dos prodígios mágicos ; que enlouquece os espíritos dos sábios e confunde a ciência vã (Isaias, cap. XLIV v. 25).

O veadadeiro sentido das palavras de Moisés encontramo-lo no Levitico, cap. XIV v. 21 ; cap. XX v. 27 ; e no Deuteronomio cap. XVIII, v. 9, 10, 11 e 12.

A lei de Moisés, nada tem a ver com o caso após o advento de Jesus, tanto assim que é ele quem diz : — Vós sabeis que foi dito aos antigos tal e tal coisa, eu vos digo TAL OUTRA COISA.

Jesus não proscreveu, totalmente, a lei de Moisés, antes sancionou-a no que tinha de melhor, através da doutrina por ele pregada. Entretanto, referência alguma fez à proibição da evocação, mas recomendando — «Pedi e obtereis, pois a cada um se dará segundo as suas obras» admitiu a sua própria evocação para a formulação do pedido.

É êle quem nos dá o exemplo quando, ainda, sôbre o madeiro, invocou ao Pai perdão para os seus algozes : «Perdôa pai, eles não sabem o que fazem».

Não há como confundir a evocação feita com fé, para fins piedosos e alevantados, com a evocação feita para mistificar, com fins especulatórios ou para ilaquear a boa fé.

Tais exploradores não se valem unicamente da doutrina espírita. Na classe sacerdotal, por igual, encontramos santos e perversos ; verdadeiros apóstolos e pústulas humanas ; homens piedosos e sacerdotes sem alma. E' por isso que Jesus recomendou a distinção dos falsos profetas. Daí, não se podendo tomar a parte pelo todo, segue-se que a doutrina espírita não póde ser confundida com a macumba e o baixo espiritismo.

* * *

Com relação à Ressurreição mantemos o que já dissemos. Os textos foram citados pelo nosso antagonista com significado impróprio. O termo ressurgir citado nos Evangelhos significa *«Aparecer»*, *«mostrar-se»*, *«apresentar-se»*, e não voltar ao mesmo corpo físico.

Jesus dizia : — Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos, ouvirão a

voz do filho do homem e sairão; os que fizeram o bem para a RESSURREIÇÃO da vida; e os que fizeram o mal para a RESSURREIÇÃO do juizo. (S. João c. V v. 28 e 29).

Até hoje os nossos sentidos não constataram nenhuma ressurreição corporal dos que morreram fisicamente, mas a nossa intuição nos evidencia que os seus espíritos tiveram o seu prêmio ou o seu julgamento.

O conceito dos homens, mesmo, acompanhou a sua peregrinação extra terrena dispensando-lhes o seu veredictum segundo o seu merecimento, de acôrdo com a atuação na terra.

Cairbar Schutel

O nosso amado companheiro, Cairbar Schutel, nasceu na Capital Federal, em 22 de Setembro de 1868. Portanto, se êle ainda estivesse entre nós na sua fórma física, completaria, no próximo dia 22, 81 anos de idade, e receberia de seus inúmeros amigos, pessoalmente, por cartas e telegramas, felicitações pelo grato acontecimento.

Entretanto, como a morte é a porta da Vida, e Cairbar Schutel se encontra mais vivo do que nunca, nos acompanhando e auxiliando no prosseguimento da tarefa que êle nos confiou, nós lhe enviamos, por êste meio, o nosso fraterno e afetuoso abraço, renovando os nossos votos de felicidade e progresso espiritual, solicitando-lhe a continuação do seu indispensável adjutório, para que possamos levar avante a sua obra de difusão da Doutrina do nosso Amado Mestre Jesus.

Homenagem de José Bonifacio aos espíritas

O imortal brasileiro José Bonifacio, servindo-se de um *médium*, quase analfabeto, ditou, numa sessão em homenagem aos espíritas, uma esplêndida e inspirada poesia, mensagem assistida pelo dr. Arthur Prado, que presenciou o movimento do braço do *médium*, quando o espírito se comunicava.

A mensagem que segue foi transcrita de um recorte de uma revista, cujo título ignoramos:

HOMENAGEM AOS ESPÍRITAS

Aos homens, na voragem mergulhado,
amei dos homens a inconstante sorte;
fui aos poucos morrendo — arrebatado
por outra vida que se chama morte.

Transpus ínvios caminhos, vi paragens
onde a dôr se abraçava ás alegrias;
e de minh'alma as célicas miragens
sentiram muita vez as ironias;

as ironias cruas da ignorância,
lama da terra, orgulho transformado;
fui aos poucos morrendo, qual fragrância
de flor que habita ao longe algum valado.

José Bonifacio.

NOTA — O médium é o traço de união entre os homens e os entes queridos que se foram desta para a outra vida, em demanda de melhores dias.

E' assim que, de quando em vez, somos agraciados, por seu intermédio, de noticias que nos certificam da imortalidade da alma e de sua indiscutível comunicabilidade.

SPÁRTACO BANAL.

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

OS EXILADOS DA CAPELA, *Edgard Armond*, S. Paulo

As dificuldades que se têm encontrado para penetrar as origens da Terra e da Vida levaram gênios à altura de um Augusto Comte a descuidar das origens, para agarrarem-se, positivamente, à hora que passa.

O Positivismo, incontestavelmente uma doutrina de fundamentos e efeitos morais em nada inferiores às doutrinas cristãs, e, em muitos passos, superior, moral e humanamente, à religião cristã, vem daí.

Só filosofando sôbre hipóteses, remanescentes e restos de velhas civilizações extintas, como os shell mounds, pueblos, ostreiras, sambaquis, palafitas e megalíticos póde-se criar sistemas sôbre os primeiros dias da Criação.

Sôbre os primeiros dias da Terra da Criação na Terra — e a Terra não passa de simples poeira de astro, de um grão de areia astronômico, de um mundículo atrasado e lerdo, na linguagem dos Flamarion, Litre e Abade Moreaux — nada sabe a ciência humana com segurança.

Essa ciência irrequieta e fátua, que chega, por isso mesmo, e semcerimoniosamente, a negar Deus e o Espírito.

Uma obra que trate desses assuntos com lógica e possibilidades de evidência, claro que deve ser obra de subido valor e agrado manifesto.

OS EXILADOS DA CAPELA, está nêste caso.

E' obra do comandante Edgard Armond, edição magnífica da *Livraria Allan Kardec*, Editora, de S. Paulo.

O autor inspirou-se na obra, A CAMINHO DA LUZ, do Espírito de Emanuel. E diz, na sua abertura: «Não é obra de erudição e de ciência».

Mas, muitos cartapácios de ciência e de erudição não esclarecem tanto nem tão bem, nas suas exíguas duzentas páginas entrelinhadas, de livro de pequeno porte.

O autor faz uma síntese precisa e clara da origem da humanidade e de seu planetoide, ao alcance de todas as inteligências, ao paladar de todos os gostos literários mais exigentes.

Jogando com as ciências físicas, psíquicas, com o ocultismo e o Espiritismo, com a Astronomia e deduções próprias, o livro leva o leitor ás origens da Terra, de sua humanidade e das raças que já existiram, que existem ainda.

E os factos culminantes do aspecto físico-psíquico de nosso mundículo perpassam diante da inteligência do leitor, que trava, assim, conhecimento com as primitivas raças, com os povos lemurianos, mongoleses, atlantes, até chegar à quinta raça, até as fronteiras do mundo no alvorecer do 3 º milênio, no momento em que entramos na Éra do Aquário, como diria Anibal Vaz de Melo.

EXILADOS DA CAPELA é livro que convida, em cada página, a inteligência humana à análise das coisas, o Espírito humano ao raciocínio em tôrno dêste e do outro mundo.

Somos grato ao volume que a Editora nos enviou, generosamente.

—

AFINAL, QUEM SOMOS? Pedro Granja, em 4 ª edição.

Um livro de estudos sérios, contrário a tudo que aí está de fé aceite e oficializada, de ciências materialistas, chegar, em menos de dois anos, a 4 a edição, ainda que se trate de edições de 500 volumes, é fenômeno inacreditável entre nós.

Profundamente inacreditável, considerando-se uma massa humana de setenta por cento de analfabetos, cujos trinta por cento restantes se morrem, geralmente, por leituras esportivas e policiais, por literatura de fancarias e romancezinhos.

Inacreditável, repetimos, levando-se em conta que o livro, caprichosamente bem impresso, quasi edição de luxo a baixo preço, não foi lançado por nenhuma editora famosa e capitalista, nem seu autor teve da grande crítica profana o aprêço e acolhimento que seria de esperar.

Agora mesmo, o sr. Leo Vaz mete-lhe, insensatamente, *a ripa*, recebendo, em justo revide, ripadas mais seguras e irrespondíveis do autor, pela imprensa de S. Paulo.

Pedro Granja é um vitorioso.

Por isso aquí estamos para aplaudir sua retumbante vitória e agradecer o magnífico volume, com honrosissima dedicatória, aliás, o segundo que saíu das mãos do autor...

Quasi lhe nota uma falha: o autor não querer ajuntar ao volume as apreciações críticas, ou excertos delas, como sóe acontecer em casos tais.

Não o fez, naturalmente, por modéstia, que não porque seu grande livro não carece de outros padrinhos além de sua própria grandeza.

Se AFINAL, QUEM SOMOS fôsse livro editado em outro país da língua inglêsa, francêsa ou mesmo castelhana, talvez a estas alturas já tivesse edições de milhares de milhares de volumes espalhadas, que bem o merece.

Fenômenos de Materialização

XXX

Sessão do dia 27 de Março.

Com a irmã Lais na presidência, os trabalhos são iniciados por uma prece.

Há, manifesto, na assistência, um frenesí oriundo do desejo de apreciar novos e desconhecidos fenômenos ostensivos, o que motivou uma admoestação em regra, embora carinhosa, do guia que se comunica, encorporado no médium Lins. E' assim que êle vai advertindo nestes termos: «a missão maior do Grupo «André Luiz» não é a de produzir fenômenos de materialização e similares e sim a de confortar os doentes, possibilitando-lhes a cura das suas moléstias», advertindo que, por consequência, é enorme a responsabilidade dos frequentadores destas sessões, cabendo-lhes trazer alerta a consciência para o cumprimento exáto dos seus deveres, o primeiro dos quais deve consistir na iluminação do espírito de simples curiosidade, como comparticipantes do trabalho de tão elevada envergadura moral. Recolhe-se o médium ao aposento reservado ao seu descanso e faz-se um ambiente de penumbra.

Estabelece-se um ligeiro período de recolhimento espiritual e de elevada meditação, entoando-se em seguida, um hino e proferindo-se uma prece. Forma-se uma espécie de nebulosa, mais parecendo um rendilhando de estrelas pálidas, mas cintilantes, transformando-se, aos poucos, numa cruz luminosa, diferente das que apareceram na reunião do dia 23. A sua dimensão era, aproximadamente, de 30 x 20 centimetros. Não tinha o fulgor das primeiras, mas encantava pela beleza das suas disposições.

Começam a surgir explosões intermitentes de luz frouxa, semelhantes a relâmpagos. Segue-se a aparição de uma entidade espiritual, ostentando uma veste, parecendo tecida de fios de luz, tal o brilho de que se caracterizava. Vem se aproximando lentamente do salão, penetrando no meio da assistência e indo de uma à outra das suas extremidades, a aplicar passes nos presentes e a fazer gestos com os braços, que mais pareciam cadenciada manifestações de uma liturgia ignorada. A sua luz natural ilumina o irmão incarnado, do qual se aproxima, o inverso, portanto, do que se verificára na sessão anterior. Ficou estabelecido, pelo consenso unânime dos circunstantes, tratar-se do espírito de João de Deus, confirmado, como veremos adiante, pela palavra autorizada de José Grosso. Surge outro espírito, logo que aquêle desaparece, de trajes igualmente luminosos, passeando na sala, dando passes a alguns companheiros, falando, ligeiramente, de viva voz e retirando-se pouco depois. O José embala-nos em doce enleio, através das suas risadas rasgadas e alegres e de suas palavras requintadas de bom humor.

O irmão Fonseca pede-lhe que faça uma visita ás irmãs de Juiz de Fóra, Araci e Raquel, que ainda se acham enfêrmas, e, antes que o espírito lhe respondesse, um outro espírito, também com vestes luminosas, abre a cortina, por ela penetrando no recinto, indo colocar suas mãos na cabeça do próprio Fonseca, recolhendo-se em seguida. Era Margarida. O Afonso, como ela o trata, ficou tímido de emoção, levando-o a arriscar um desabafo: «Sinto um bem-estar, uma paz de consciência e uma felicidade, que as minhas palavras não sabem expressar». José Grosso torna a salientar-se com o seu

expediente louvável, alegrando-nos a todos. Eu peço-lhe que descremine os espíritos que já se materializaram, atendendo imediatamente à minha solicitação, respondeu: «João de Deus, Scheilla, Ilka e Margarida».

Fazem-se ligeiros comentários doutrinários, entoam-se hinos e proferem-se preces. Nina e Neuza, em materializações luminosas, semelhantes ás dos espiritos anteriores, vêm à sala, percorrem-na e trocam impressões com alguns correligionários, notadamente com Lais e Lenice. Aparecem ainda copiosos fenômenos luminosos.

Três espíritos surgem seguidamente no centro da sala, profusamente iluminados. O último destes dirige-se ao irmão Fonseca, dizendo-lhe, depois de o acariciar: «Espero-te no Espaço; seremos eternamente unidos». A luz da sua indumentária, refletia-se na mesa, ao lado da qual passava, como se fôra de um espelho em que se projetasse intensos raios de luz. Um espírito, observa: «entregai vos à luta titânica pela vitória da vossa transformação interior». Outro afirma: «conto convosco para o trabalho em benefício dos sofredores!» O Fidelinho aparece, como soe acontecer quasi sempre, envolto em intensa luz. Inclina-se, move-se e canta a «Canção Materna», gesto que é seguido pelos presentes. Dá-se então um facto singular: O bondoso espírito, mostra-nos o lenço que os espíritos arrebataram, em Novembro do ano passado, das mãos de Maria Amelia Ribeiro de Castro, dizendo que só o entregaria à sua dona, em Campos, na próxima visita que o médium fará à «Escola Jesus Cristo», onde se efetuarão sessões de efeitos físicos. Ilka aparece e pergunta ao caro Vitorino Eloi dos Santos se gostou do seu retrato. Conversa animadamente com os seus pais, Vitorino e D. Alina. Passados rápidos instantes, Garcês, por voz direta, anuncia que é chegado o momento de encerrarmos a sessão. Adverte ainda: «Os espíritos satisfizeram a vossa curiosidade, mas esperam que aqueles que vieram apenas com o pensamento fixo na apreciação dos fenômenos, se unam aos dedicados trabalhadores da Seára do Mestre». Determina que eu vá despertar o médium, o que faço com indizível satisfação. Os trabalhos são encerrados depois de cantado o hino «Pai do Céu», marcando o meu relógio, vinte e três e meia horas.

—

Seja-me permitido abrir, aquí, espaço à colaboração valiosa do meu prezado amigo e prestante confrade Major-farmacêutico Ismael Pinto, que focalizará os aspectos fenomenológicos da sessão em apreço, certamente com mais precisão e clareza do que eu, como o poderão comprovar os amáveis leitores.

«UMA SESSÃO NO GRUPO ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

Quem tem a felicidade de compreender, através da Filosofia Espiritualista, os fenômenos de além túmulo, bem póde considerar-se, nêste mundo tão materialista, possuidor, já, de um vasto quinhão de felicidade. Quão dolorosos devem ser, para aqueles que não têm a alentá-los o apôio da fé espírita, nos momentos de amarguras e de provas retificantes! O que não será, para quem não aceita o Espiritismo, a perda de um parente querido que se afasta do plano material, para a verdadeira vida! Todos nós, espíritas, que temos a felicidade de compreender e aceitar essa Doutrina Divina, êsse verdadeiro Consolador, que nos foi prometido por Jesus, não podemos deixar de Lhe agradecer, do íntimo de nossos corações, a benção que nos concedeu, permitindo-nos o conhecimento de mais essa parcela da Verdade. São essas as considerações que sempre nos vêm à mente, quando nos retiramos, principalmente ás terças-feiras e aos sabados, das sessões do Grupo Espírita «André Luiz».

Infelizmente, a maior parte da Humanidade ainda não se convenceu da justiça das palavras de William Crookes, o célebre físico inglês, que por determinação da Real Academia de Ciências de Londres, foi investigar a veracidade dos factos espíritas: «Os fenômenos espíritas não são possíveis, são REAIS».

Após assistirmos tantas maravilhas, tantas comunicações tangíveis, visíveis e audíveis, só podemos lamentar que toda a Humanidade não as possa assistir conosco. Entre as maravilhosas sessões que, por misericórdia divina, temos tido oportunidade de assistir, como integrantes ínfimos do aludido Grupo, esta, a da noite de 27 de Março do ano de 1948, é sem dúvida uma das mais destacadas. Eram mais ou menos 20 horas, quando sob a presidência da irmã Lais Teixeira Dias,

foi, após sentida prece, aberta a sessão. Eramos pouco mais de 50 confrades, alguns dos quais ainda não haviam preenchido todas as condições exigidas para poderem assistir aos trabalhos, ou melhor, para neles poderem tomar parte. O irmão Dr. Amadeu Santos, de início, fez veemente apêlo aos confrades, no sentido de evitarem comparecer a essas sessões, sem previamente haverem, para tal, obtido a permissão do Alto. Em seguida usou da palavra o Dr. Clodoaldo Magalhães Avelino, presado confrade de Belo Horizonte, que leu uma detalhada descrição do que pudera observar na sessão anterior, onde pela primeira vez foram assistidos trabalhos de materializações com iluminação do perispírito. Disse o Dr. Clodoaldo da satisfação que tivera em constatar a veracidade de tão maravilhosos fenômenos, fazendo sôbre os mesmos alguns comentários e uma perfeita descrição das diversas formações fluídicas, materializações e transportes que foram observados. Estando presente o irmão Lins, foi por seu intermédio obtida, por incorporação, bela comunicação do esclarecido espírito de David, pai de 2 companheiros nossos de trabalho, em que entre considerações várias e exortações evangélicas encareceu a necessidade de perfeita homogeneidade do ambiente vibratório dos irmãos presentes. Pediu a todos que procurassem vibrar, o mais possível em uníssono, num sentimento de amor fraterno pelos nossos irmãos necessitados de assistência espiritual para seus corpos enfêrmos, — precípua finalidade das nossas sessões — dando, porém, a todos que se achavam presentes, a indispensável permissão para assistirem a essa sessão, afim de, como disse, mais uma vez atender à «vossa curiosidade de verdes os espíritos».

Recolhendo-se o médium à cabine, foi feita completa obscuridade. Pelo espírito de David havia sido dito, que o médium necessitava previamente ser beneficiado em seu estado de saúde e que só depois poderiam ser observados os fenômenos de materializações luminosas. Conforme a norma habitual dos nossos trabalhos, foi dada a palavra a vários confrades que, mesmo em plena obscuridade, explanaram comentários sôbre pontos doutrinários. Fizeram-se ouvir, assim, o Dr. Lauro Salles, o Dr. Amadeu Santos, o autor destas linhas e outros confrades. Nos intervalos das explanações, entoavam-se hinos, pois eles muito concorrem para melhor harmonização do ambiente, fazendo com que todas as mentes vibrem no mesmo sentido. Preces foram também elevadas em intenção dos nossos irmãos enfêrmos do corpo físico. Durante essas sessões, em que as células sadias do médium e mesmo dos assistentes, são transportadas para o corpo enfêrmo dos nossos irmãos, em substituição das suas células doentes, necessário se torna o maior cuidado na preservação do ambiente, não só do ambiente mental dos assistentes, como também, principalmente, do ambiente espiritual da sala da sessão. Sabido é, através dos preciosos ensinamentos contidos nos livros de André Luiz, que os espíritos trabalhadores estabelecem uma verdadeira cortina protetora, afim de impedir que penetrem no ambiente espíritos menos evoluídos, cujas vibrações grosseiras e profundamente materiais, grandemente poderiam prejudicar o trabalho delicado e profundamente sensível desenvolvido pelos obreiros do Bem, em benefício dos irmãos necessitados. Por isso, e para poupar maior trabalho aos irmãos encarregados da proteção do ambiente, é que são absolutamente defesos os pensamentos ou mesmo preces, durante a sessão, por irmãos de mente enfêrma, pois tais pensamentos ou preces atraem, sempre, ao ambiente os respectivos espíritos obsessores ou sofredores.

Após algum tempo de permanência do médium na cabine, foram observados fenômenos luminosos na mesma, seguidos por belissima formação fluídica luminosa que flutuou pelo espaço, ora aproximando-se das cabeças dos assistentes, ora subindo até próximo do této da sala. Desaparecida a formação fluídica, uma entidade materializada, com o perispírito iluminado, permitindo observar-se perfeitamente as suas vestes, que se apresentavam diáfanas e inteiramente iluminadas. Trazia este espírito sôbre a cabeça uma espécie de gorro, tambem luminoso. Andou pela sala, deu passes em várias pessoas, sendo que em algumas tendo em uma das mãos algo intensamente luminoso, e que dispendia raios fluídicos, visíveis, sôbre o local doente. Depois soubemos tratar-se do espírito de João de Deus, apresentando-se sob a forma material que teve em uma encarnação anterior.

Tivemos depois entre nós, o tambem querido espírito de Nina, que im-

pregnou a sala de intenso perfume e distribuiu, pessoalmente, flores aos assistentes. Estava também amplamente iluminado o seu perispírito. Scheila, esta querida irmã da espiritualidade, apresentou-se depois, aproximando-se de todos, fazendo também distribuição de flôres. Fez-nos belíssima alocução evangélica, exortando-nos ao cumprimento do dever e acompanhou-nos em seguida no cântico de um hino de sua autoria. Ilka, que na Terra foi filha de dois prezados confrades, presentes á sessão, foi o espírito que veio após, dirigindo-se aos seus pais, com palavras de carinho e saudade. Margarida, bondoso espírito, esposa material de um confrade presente, tambem como os demais, com o perispírito iluminado, dirigiu-lhe palavras de carinho e conforto, afagando-lhe o rosto num gesto de meiguice. Neuza, espírito muito amigo, deu-dos também a alegria da sua presença, de perispírito luminoso e acompanhou-nos no cântico de um hino. Fidelinho, o nosso querido Fidelinho, esteve em seguida, materializado e luminoso, junto à entrada da cabine e acompanhou-nos, também, no cântico do hino «Amor Materno», que muito aprecia. Esteve depois em nosso meio o espírito de Petitinga, esse devotado propagandista da Doutrina, que tinha na sala sua filha e genro, o Dr. Clodoaldo e esposa, aos quais falou e deu passes. Durante todos os trabalhos, tivemos a felicidade de ouvir, várias vezes, da cabine, a José Grosso, Fidelinho, Garcez e outros irmãos, que nos dirigiam a palavra, em exortações evangélicas, ou individualmente em palestra de ordem pessoal. A sessão prolongou-se dessa forma maravilhosa, até ás 23 horas e 45 minutos, quando Garcês, depois de mais algumas palavras de estímulo, mandou que fossem encerrados os trabalhos. Fez-se a prece final de louvor e agradecimento a Deus, por tanta misericórdia concedida, e enquanto entoavamos, de corações inundados de intenso jubilo, as palavras do hino «Fica conosco Senhor», era prestada ao médium, por um irmão, a assistência indispensável para despertá-lo. Findo os trabalhos, foi encontrada numa peça contígua à cabine e onde havia ficado parafina aquecida, uma orquídea dessa substância, oferta do espírito de Petitinga á sua filha.

Terminando êste breve relato dessa sessão que assistimos no G. E. A. L., só nos resta suplicar a Jesus, o nosso amado Mestre, que ilumine cada vez mais o espírito de André Luiz e a todos os seus abnegados companheiros da espiritualidade, para que cada vez mais possam em Seu nome, amparar a todos os que sofrem e também implorarmos ao nosso Divino Pastor que cada vez mais nos fortifique e ampare, dando-nos a perfeita compreensão da imensa responsabilidade que representa, para nós, a graça que o Senhor nos concedeu, permitindo-nos assistirmos a tão maravilhosos fenômenos, que nos deixam, como disse um confrade presente, quasi sem sabermos «si são os espirítos que vêm viver conosco alguns momentos ou si somos nós que vamos viver entre eles».

(a) Ismael Pinto».

Rio, Abril de 1948.

Amadeu Santos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 16.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00

Trinta Anos Entre os Mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

CAPÍTULO IX
Invalidez Psíquica

Espíritos há que ignoram ter perdido seus corpos mortais e se aferram a antigas condições físicas dos mesmos, prolongando, assim, no Além, seus padecimentos. Êsse «êrro da mente mortal» persiste até o conhecimento dos seus desincarnes e a compreensão das leis espirituais, quando então ficam libertos de pensamentos que os retêm no plano material.

Quando tais espíritos, que se acham sob a ilusão de sofrimento e doença, penetram na aura dos humanos, transmitem sua condição a eles e muita doença e invalidez psíquica daí resultam.

Então pessoas dotadas de natureza sensível padecem do sofrimento terreno do espírito desincarnado e ordinariamente falham todos os métodos de tratamento, pois a única cura que se póde obter é o afastamento do espírito ignorante e perturbado.

Quando estavamos em Chigado, uma nossa amiga, Srta. F. W., enfermeira da Sra. McA. (*), conhecida modista da cidade, pediu-nos para fazer uma sessão em benefício daquela, que estava inválida há muito tempo. Seus médicos aconselharam-na a fazer uma estação de repouso, pois sofria intensas dores de cabeça e tinha atitudes estranhas.

A Srta. F. W. e a massagista da Sra. McA. estavam presentes à reunião de que vou tratar.

Sessão de 2 de Abril de 1908

Espírito: Grace Brusted — Paciente: Sra. McA. — Médium: Sra. Wickland

O espírito a princípio falou com grande dificuldade, lastimou-se de andar enfêrma e foi incapaz de levantar-se. Insistia que estava muito doente para ficar de pé e queria ir para a cama.

Quando lhe indagámos se conhecia algum dos presentes, indicou a massagista da Sra. McA. e lhe perguntou se queria levá la para o leito, cuidar dela e diminuir a luz, que estava muito forte para uma pessôa enfêrma.

Disse chamar-se Grace Brusted, de Boston, que era Universalista e que estava no ano de 1898.

Estava doente há muito tempo e se sentia como se fôsse duas pessoas; ás vezes era ela mesma e outras, certa pessoa desconhecida.

Era muitas vezes chamada de Sra. McA. e já estava cansada de responder a êsse nome, porque não gostava daquela senhora. Recentemente tivera muito trabalho, tendo de tomar conta de uma porção de costureiras.

O espírito repetia que estava cansado de levar uma vida dupla, que não compreendia tal coisa e que era melhor morrer logo.

O caminho do progresso espiritual lhe foi então ensinado e os espíritos da avó e da mãe dela lhe apareceram e lhe disseram que sempre fôra uma criança sovina mas que agora ia aprender a servir os outros.

A Srta. F. W. e a massagista esclareceram que a Sra. McA. agia da mesma maneira que o espírito e até usára de idêntica linguagem e mais tarde acrescentaram que, no dia seguinte ao da sessão, ela estava de bom humor, observando que era a primeira vez, desde muitos meses, que acordára sem dôr de cabeça.

Depois disso, melhorou rapidamente, deixou o leito e voltou ás suas atividades habituais.

—

Por mais de seis anos, um nosso amigo, de oitenta e quatro anos de idade, foi atormentado por indescritíveis dôres na parte posterior do

---

(*) Vêr cap. 6, espírito: Harry Hayward, paciente: Sra. McA.

pescoço e uma sensação de vertigem o acometia com crescente frequência.

Quando acometido por essas sensações, sentia como se casas e paredes caissem e o esmagassem e certa náusea as acompanhava. Se sentava, caía com a cabeça entre os joelhos, permanecendo algum tempo incapaz de se levantar sem o auxílio de outrem.

Não tendo achado qualquer causa física para o seu padecimento, a possibilidade de interferência de uma entidade espiritual foi lembrada e nós fizemos uma sessão especial em benefício dêle, sessão em que certo espírito «tomou» a Sra. Wickland, que caíu com a cabeça entre os joelhos. Doutrinámos a entidade durante certo tempo até que finalmente nos contou que se chamára Jack Finch, que tinha perto de sessenta e cinco anos de idade e que fôra um dos internados de uma instituição perto de Madison, no Wisconsin.

Narrou que, quando era ainda pequenino, provavelmente sua irmã o carregára e o deixára caír no chão, que essa quéda lhe quebrára a espinha e o deixára sem cura.

Quando crescera, déra grande trabalho e sua mãe descuidára dêle, que finalmente fôra internado em um asilo. Lembrava-se de que certa vez houve um ciclone e que algo o ferira na parte posterior do pescoço, aumentando o seu sofrimento.

Sempre sofrera muito com a espinha partida e o pescoço machucado, que lhe produziam muitas vertigens e faziam com que êle se dobrasse e ficasse em uma posição incômoda até que auxílio lhe fôsse prestado afim de levantar-se. Quando a vertigem o acometia, sentia-se como se estivesse escorregando no chão ou como se paredes se abatessem sôbre êle ou ainda como se o leito virasse sôbre si e como se estivesse rodando.

Contou que, por causa de sua doença incurável, ninguém se importára consigo, com excepção de uma enfermeira chamada «Anasteena», que fôra muito boa para êle lá no asilo e sempre o alimentára.

«Mas agora tudo está mudado. A's vezes sinto como se eu fôsse um homenzinho e outras u'a mulher, ou ainda um homenzarrão». (Sensações experimentadas quando influenciando dtferentes mortais).

Quando o espírito foi levado à compreensão de que havia perdido o seu corpo mortal e que não podia mais sofrer qualquer dôr física, perguntou: «Se eu perdi o meu corpo e estou morto, então porque não vi Deus? Onde está Êle?»

Isso me levou a explicar-lhe a verdadeira natureza de Deus, Sua manifestação em todas as coisas e a existência do mundo espiritual.

Pedindo-lhe para ver se conhecia alguns dos presentes, disse: «Sim, alí está a minha mãe! Ela quer que eu vá com ela para o seu lar; diz que agora cuidará bem de mim. Diz ainda que nunca soube da existência real e que agora ia começar a viver de novo».

Quando falava, viu a distância outro espírito que se aproximava dêle e exclamou alegremente: «E' Anasteena! Posso ir com ela também?»

Sendo-lhe garantido que iria com sua mãe e a antiga enfermeira, que seria bem tratado e iniciaria uma vida de felicidades, fervorosamente exclamou: «Deus vos abençôe» e foi então afastado.

No dia seguinte, o amigo que padecia de vertigens se achou livre dos seus achaques e disse que se sentia com tanta energia como tivesse ainda quarenta e oito anos, em vez de oitenta e quatro. E nunca mais padeceu de sua antiga «doença».

—

O Sr. Z., da vizinha cidade de Burbank, que sofrera vinte e cinco anos de insônia e de uma intensa náusea sem conseguir alívio, foi levado ao nosso centro por um médico que suspeitára tratar-se de um caso de obsessão.

Durante a consulta, a Sra. Wickland viu o espírito de um homem que permanecia em pé por detrás do paciente e, quando êle fez a descrição dêle, reconheceu o paciente que se tratava de um velho amigo que desincarnára havia muito tempo.

Depois que o tratamento elétrico foi aplicado no paciente, o espírito o deixou e, incorporando-se na

Sra. Wickland, falou ao seu amigo da terra, recordando factos do tempo de suas relações.

O Sr. Z. certa vez ficára noivo de uma filha dêsse hoje espírito, mas, por motivos religiosos, o noivado fôra desfeito. Os dois homens, entretanto, continuaram em relações de amizade e, quando o pai se achou em dificuldades financeiras, o Sr. Z. o ajudou economicamente.

Quando o pai faleceu, mais tarde, de cancer no estômago, sentira-se atraído pelo Sr. Z. por causa de sua ligação com êle e, penetrando no seu aura, vira-se incapaz de afastar-se e permanecera com êle todo aquêle tempo, com o que transmitira ao seu antigo amigo os sintômas da moléstia de que padecera na terra.

Depois de ter uma explicação das leis que regem a vida espiritual, foi afastado e o Sr. Z. nunca mais sofreu de coisa alguma.

Pela Vitória do Espírito

EVOLVENDO um livro de José Stalin, sôbre «Materialismo Dialético e Materialismo Histórico», que um amigo, tão carinhosamente nos emprestára, pedindo que o lessemos e lhe dessemos a nossa opinião, assim nos expressámos:

Aquí vai o nosso pensamento, dizendo-lhe o motivo pelo qual não podemos esposar as teorias calcadas em filosofia absolutamente contrária à que nessa altura da vida nos roteia os passos para conquista maior — a do Espírito sôbre a matéria.

Recordamo-nos ainda das suas palavras referentes ao conceito religioso, quando disse que o Partido Comunista não é contrário a qualquer idéia de religiosidade, aceitando, indistintamente, em suas hostes partidárias, crentes e profitentes de todas as Religiões.

Não concordamos que haja na Natureza, senão Vida. Vida permanente em curso de eternidade, nêsse Laboratório imenso que a Natureza representa, principalmente aos olhos dos argutos investigadores, comprovando a teoria de Lavoisier: NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA.

Ora, no referido libreto, ás folhas 7, alínea *b*, vamos encontrar a afirmativa de alguma coisa «que nasce e se desenvolve, morre e caduca».

O que morre, acaba, entra para o Nada; mas, acontece que tudo na Natureza é vida, vibração, movimento permanente no sentido da transformação. Êste é o nosso pensamento contrário áquele. Na Lei, essa Lei que rege todos os movimentos da Vida na Natureza, não há caducidade. Tudo é certo, lógico, imutável e não há derrogação.

Comentando a teoria de Feuerback e discordando dela, tomando apenas sua «medula», porque: «onde o verdadeiro idealismo de Feuerback põe em evidência, é em sua filosofia da religião e em sua ética», dizem Marx e Engels.

Mais adiante, vamos encontrar o pensamento filosófico de Marx que diz: *«Não é a consciência do homem que determina a sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina a sua consciência».*

Aquí, temos que demorar um pouco, e vamos nos sentar à beira dessa estrada longa, infinita, que é a vida em modalidades várias de consciência em períodos consecutivos, para examinarmos como são traçadas no curso das vidas sucessivas, pela Consciência, as diretrizes da Vida, na formação da existência.

A teoria espírita esclarece que a consciência, na multiplicidade das vidas, pela evolução reincarnacionista, que é a Lei de Justiça, o espírito delibera a sua existência, tomando nova forma humana, comprometido na Lei, para no resgaste de faltas anteriores, ascender sempre e pelo próprio esfôrço, no sentido de alcançar maior perfeição moral, porque é dessa perfeição que ha de resultar a solução dos problemas de ordem econômica que tanto preocupam e afligem o homem, estribado como se vê, em velhas e inaplicáveis teorias, as únicas que, na hora pre-

sente em que as almas se elevam pela esperança quasi alcançada da vitória do Espírito sôbre a Matéria, passam pela caducidade.

A Consciência é uma conquista da evolução anímica e, nessa longa trajetória, em aprendizados sucessivos, o espírito, no uso das suas faculdades, conscientemente, isto é, pela Consciência, vai se firmando na responsabilidade das vidas que se sucedem, uma após outra; ora na Terra, ora no Espaço, a existência em cada uma dessas etapas, como espírito ou como homem (alma encarnada), é sempre, ao contrário da teoria marxista, o produto da Consciência.

A teoria materialista de Marx e de Engels, principalmente a desses dois grandes vultos da filosofia político-social, é de ramagem. Nenhum deles penetrou na origem das coisas e no âmago das principais questões, recusando ou preferindo deixarem à margem a teoria de Feuerbach, por que êsse envereda para o domínio da religião e isso não convém aos «reformadores» do homem que o pretendem apenas distribuindo pão para o corpo, depois de terem conseguido plasmar as consciências de multidões de adeptos no convívio social de um «partido político» manipulador de consciências, segundo a teoria marxista. A religião é o ópio das multidões, disse Lenine, e dentro dêsse princípio (em parte admissível), de um grande pensador revolucionário, que via como nociva a religião que então fanatizava o povo russo, os comunistas da corrente stalinista, inclúem, também como nocivas as suas catequeses de partidários, os cristãos de qualquer corrente religiosa ou filosófica.

Apenas na aparência, como tática política, se espalhou pelo Brasil inteiro, no sentido da congregação, que todas as correntes religiosas, principalmente a dos espíritas, seriam aceitos e os politizados, no seio da agremiação, em pleno desacôrdo com os planos de Lenine, que eram revolucionários e idealistas, sem qualquer transigência no terreno das idéias.

Se afastassemos da Doutrina Cristã, a convicção já firmada da existência de DEUS e do Espírito com a sua imortalidade, teriamos no Cristianismo, aplicado em todos os ramos de atividades humanas, o mais perfeito Comunismo; mas, se ampliarmos o Comunismo existente e apregoado, da idéia de DEUS e da convicção do Espírito imortal, não teriamos por certo, conseguido realizar obra maior que essa que os Espíritos nos legaram — o ESPIRITISMO. Por isso, que adiantaria aos espíritas, principalmente aos que estudam e pregam os resultados dos seus estudos, filiarem-se ás hostes de um partido profundamente materialista?

Com os comunistas ou sem eles, nos bateremos pela conquista do pão; contra eles e contra todos, no terreno das idéias, nos bateremos até à morte, pela conquista da Liberdade, o bem supremo do Espírito, que tem sido através dos séculos a preocupação maior de todos os idealistas, no sentido do bem comum.

A Democracia é, pois, a melhor forma política e por ela teremos que lutar, educando o povo no sentido espiritual da liberdade que ha de nos garantir o pão nosso de cada dia.

A solução exclusiva ou antecipada do problema econômico, não resolverá jamais o problema da felicidade humana, que tem sido em todos os tempos a razão de ser dos maiores movimentos de ordem política e social.

Considerando o mundo em que vivemos, de provas e expiações; tendo em vista o atraso moral dos habitantes da Terra, vivendo, na sua maioria, pela impulsão do instinto, que é a mais forte condição da carne em luta contra o espírito, o que aconteceria a cada um de nós, se fossemos ricos de todos os bens materiais antes da riqueza espiritual? Certamente, não relutariamos em dar a maior expansão possível às nossas tendências instintivas, e, a lapidação do espírito, isto é, a conquista dos bens espirituais, ficaria como talvez já nos tenha acontecido em remotissimas eras, justificando agora a razão das nossas lutas, com tendências acentuadas para a conquista do Espírito sôbre a Matéria, relegada a planos secundários.

Se abandonassemos hoje, todas as nossas atividades de ordem espiritual, deístas portanto, e fossemos incorporados, cegamente obedientes a um programa partidário, atendendo exclusivamente ás suas injunções e à palavra do lider; tudo estaria, já se vê, em via de realização definitiva. O grande chefe, o lider supremo, convocaria para o comando dos múltiplos setores, aqueles que melhor se adaptassem ao programa e à sua ordem de comando em chefe. A máquina econômi-

ca estaria posta em movimento; a obediência seria pois, perfeita. A produção forçada seria abundante e, abastecidos os celeiros do Estado, a distribuição seria executada de modo a que, em todas as casas indistintamente, desde o palácio à choupana (possivelmente, nessa altura, não haveria mais choupana, mas, residências dignas), estariamos todos, providos de tudo quanto necessário se torna a uma vida digna.

Aos velhos, aos doentes, não faltariam as estâncias de repouso, os hospitais e tudo quanto fôsse indispensável à manutenção da saúde dentro daquêle vasto programa em que o Estado Comunista pretende combater todas as filosofias políticas e sociais do mundo, substituindo-as por essa que se fundamenta no materialismo histórico de Engels.

Depois de estarmos assim, integrados na posse de tudo quanto é necessário ao homem biológico, bastaria apenas um instante, e, dentre as multidões dos conformados, desses que têm farta a mesa e aberta ao ingresso de todos os cidadãos, as escolas de todos os graus do ensino; nos pontos mais diversos do grande Estado Comunista, que se tornaria grande pela distribuição farta do pão, no nível de cada necessidade, começaria, sem dúvida, a surgir, num movimento alarmante, em cada recanto do país, um novo idealista, de pensamento contrário, reclamando o direito da Liberdade, de pensar e de fazer como pensam os inconformados, os que pretendem realizar, tal como pensam, apareceriam num impeto de revolta! Apareceriam os gênios, os pensadores e propugnadores da liberdade de consciência, no sentido amplo da espiritualidade.

O que aconteceria depois, então?

Os bem nutridos e bem armados, os mais obedientes aos comandos, aniquilaria-os todos, um a um. Mas, o número desses loucos irá crescendo e a luta será, portanto, a mais encarniçada de todos os tempos. Será mais uma dentre as muitas manchas rubras nas páginas da história onde quer que tal aconteça neste orbe de fratricidas lutas.

A consolidação do problema econômico, não se fará pois, senão sôbre os fundamentos do problema moral consolidado. Por isso, nos bateremos sempre, antes de tudo, pela vitória do espírito sôbre a matéria.

Este é o objetivo espiritual da vida. Vida que não se limita a uma só existência do berço ao túmulo, mas, que prossegue para além de uma existência física, a buscar, instante a instante o enriquecimento de suas faculdades morais, porque, é nesse fundamento, onde a fôrça do espírito sôbre a matéria consolidará a liberdade do homem em permanente desenvolvimento ascendente, até que possa consolidar-se na vitória espiritual do homem sem peias, a sua definitiva conquista econômica.

Pela concepção materialista do mundo, é falsa a idéia inata de DEUS, falsa a da eternidade e, inadimissível portanto, a existência do Espírito. Não havendo, como afirmam os materialistas, idéias inatas na manifestação do homem na sociedade, o cidadão será sempre o produto do meio, em todos os graus de sua formação. Assim, se nenhuma idéia nasce com o indivíduo, êle será plasmado e conduzido na sociedade (comunista), como instrumento autômato, cujas idéias jamais ultrapassarão os limites de uma existência artificialmente modelada, da qual resultará a sua consciência, sem outro objetivo que não seja o de viver arregimentado, sujeito sempre ao comando de um Estado, cuja filosofia, calcada em moldes profundamente materialistas, através da história e da dialética, contrariando todos os princípios de filosofias subjetivas que, no curso dos séculos têm legado à Humanidade êsse enorme patrimônio de sabedoria, sôbre o qual todos os povos procuram a trilha certa para o aperfeiçoamento moral da Humanidade, espiritualizando o homem.

No Cristianismo, praticado, tal como determinam os seus sábios ensinamentos, teremos, indiscutivelmente, conquistado para nossa maior e definitiva felicidade, todos os bens, solucionando assim, os mais difíceis problemas, inclusive, já se vê, o econômico, que tem sido no curso dos séculos, principalmente, para o pensador materialista, o mais sério e do qual originam as mais terríveis lutas sociais, trazendo o mundo em permanente inquietação e parte da humanidade em sobressaltos.

Enquanto não tivermos alcançado um grau de moral superior, não conseguiremos, seja qual fôr a forma de governo, realizar, para nossa maior felicidade social, o que pretendem todos os partidos, quer sejam democratas, socialistas, comunistas, anarquistas, sinarquistas e, até os

fascistas, que, não obstante as suas excêntricas atitudes, outra cousa não desejam (afirmam eles), que não seja a felicidade comum de todos os povos.

Ao terminarmos a carta ao nosso ilustre amigo, dissemos: Em matéria de política, ficaremos onde sempre estivemos, isto é, a serviço de uma idéia e da qual fazemos questão de extraír o melhor proveito, lapidando o nosso espírito. Não sacrificaremos jamais os nossos ideais de ordem evolucionista, para emprestarmos concurso a qualquer partido retrógrado e que não visa outra cousa que não seja a posição pessoal dos principais líderes ou partidários, desprezando a mais bela e necessária condição do homem social que é, e que será em todos os tempos, a maior conquista: A VITÓRIA DO ESPÍRITO SÔBRE A MATÉRIA.

Pereira Guedes.

PONTOS DE VISTA

Leopoldo Machado

Autonomia do movimento juvenil Espírita

Três cartas de confrades paulistanos, que ainda nos têm em conta, por generosidade própria, pedem nos pontos-de-vista sôbre se somos contra ou favorável a autonomia das mocidades espíritas.

A resposta comporta mais do que pontos de-vista.

Comporta razões repetidas e declarações que já tardam.

* * *

Não somos, sistematicamente, contra ou a favor de coisa alguma.

Agimos sempre guiado pela observação lógica e pelas lições da experiência.

Procedendo assim, continuamos vendo mais vantagens e rendimento no esfôrço dos moços agrupados em torno dos mais velhos, compondo departamentos de entidades sociais já existentes, sem nos insurgirmos — nem autoridade teriamos para tanto! — contra as *Mocidades* ou *Juventudes* autônomas.

Tanto assim é que a emenda aposta ao Regulamento do CCMEB — *se, entretanto, razões poderosas militarem contra a natureza que aquí se preceitua — falta de instituições para séde, incompreensão dos dirigentes de tais ou quais instituições, etc., etc. — nada impedirá que a mocidade espírita tenha sua autonomia. Mormente se composta de jovens já emancipados*», foi nossa.

E o *Conselho de Mocidades Espíritas do Brasil* é autônomo!!!

Qual a natureza preceituada, de que se fala acima?

E' a que decorre do que escrevemos:

«A experiência tem demonstrado que a mocidade espírita funcionando como departamento juvenil de uma instituição já existente, dá melhor resultado.

Aquí as razões mais fortes, para tanto:

a) Evita despesas de organização e construção de sédes;

b) Evita azares próprios da inexperiência da idade, decorrentes, não raro do excessivo amor próprio do jovem;

c) Evita que se forme de futuro um, por assim dizer, espiritismo de moço e outro, de velho;

d) Serve de desdobramento das aulas de moral nos centros, visto como póde supôr-se que a mocidade espírita de hoje seja o desdobramento da aula de moral de ontem;

e) Estabelece maior confiança e espírito de solidariedade entre jovens e mais velhos...

Duvidamos muito que haja razões suficientemente fortes para derrubar o que aí está, fruto da observação e da experiência.

E continuamos observando que as mocidades autônomas estão se possuindo de certo espírito de orgulho e autoridade, aliás, bem comum em moços inteligentes, que se julgam alguma coisa definida na vida.

E continuamos observando que — afóra duas, no Estado do Rio e uma no Norte — ambas autônomas por incompreensão dos mais velhos, tais mocidades precisam correr muito para acompanhar o progresso das departamentais que conhe-

cemos mais de perto, organismos vivos de trabalho, que realizam de facto, conquista dos mais velhos exatamente por sua falta de orgulho e por sua humildade cristã, o que desejam e até o que não desejam . . .

De nós, particularmente, o que interessa realmente, é que os moços espíritas, assim ou assado, trabalhem, sejam diferentes, mais honestos e menos fúteis e levianos, a serviço do Cristo e da própria evolução.

* * *

Agora, estas declarações, aproveitando o momento:

I) Dize-nos a consciência que, com a agitação do movimento juvenil, com a realização do Congresso de Mocidades Espíritas, com a instalação do CCMEB que saíu dêle e aí está no desempenho eficiente de sua finalidade, com a Festa do Livro Espírita, tudo isso por nossa iniciativa em função de intuição ou mandato de mais alto, nossa atuação imediata nêste setor deve cessar, que outros planos nos convidam a outras atividades, visto como marasmo e estagnação é que não nos soam bem . . .

II) E damos com isso provas inconcussas de que, agitando tais movimentos, não o fizemos personalisticamente, à cata de cartaz.

Antes, pelo contrário: não fôsse o cartaz que levamos a todos eles, o movimento juvenil, que nascera em S. Paulo, aí estaria a patinar, como patinando vinha há sete anos.

III) Que, com tais movimentos, provado ficou que se póde realizar obras meritórias—mormente quando são ditadas do Alto! — embora a contra-gosto, e hostilidades mesmo, de confrades ilustres e instituições respeitáveis, que foi bem o nosso caso.

E foi esta, aliás, a nossa maior paga.

E é só.

E que os moços, com autonomia ou sem ela, rumem juvenilmente, honestamente, cristãmente, pelo Caminho, compreendendo a Verdade e vivendo a Vida, que se consubstancia no Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, eis nossos votos sencerissimos.

O Homem Colaborador de Deus

M. QUINTÃO

Êste o título de um bom e belo livro, que nos chega pelas mãos dadivosas da Exma. Viúva de Leopoldo Cirne, o saudoso companheiro desencarnado há 7 anos, e que deixou nos fastos da Doutrina, em nosso país, um traço luminoso inconfundível.

Obra póstuma e inconclusa — ao que dizem — de um capítulo, bem andaram os amigos e admiradores do autor em promover-lhe publicidade, porque, ainda assim, ela representa o coroamento, em plena maturidade, de uma tarefa superior e modelar, para quantos almejam trilhar as sendas da Nova Revelação, em plano superlativo.

Não é que nas suas 195 páginas de texto se nos ofereça matéria nova e original, no concernente aos problemas científicos, filosóficos ou religiosos, fundamentais, em curso de eternidade e perquirição progressiva, de vez que *nihil sub sole nove ;* mas, pela forma por que são focados esses problemas em perspectiva e análise de conjunto, por atualizá-los.

Em substancioso e conciso prefácio, o ilustre confrade Professor Leoni Kaseff teve uma inspiração feliz no dizer que, sendo Bezerra de Menezes o nosso consagrado Kardec brasileiro, foi Cirne o nosso Leon Denis.

Sim, indubitavelmente, porque, sucedendo o venerando ancião, na cátedra da Federação Espírita Brasileira, ninguém alí, de jús e de facto, maior e melhor prova poderia dar de critério, ponderação e alto descortino.

Homem de gabinete, idealista por índole e formação intelectual, fácies de velho em rosto de moço, Cirne nada elocubrava e escrevia a vôo de pássaro.

Afável, maneiroso e discreto, era assim todo êle *in numero, pondere et mensura.*

Tal o conheci e com êle convivi por mais de uma década, na direção da «Casa de Ismael».

Dizer que nunca houvesse dissentido dos seus cômpares, seria faltar à verdade.

Êle tinha seus pontos de vista pessoais, antes de forma que de fundo, e timbravra em defendê-los com rígida firmeza; nunca, porém, subestimando o altiplano das idéias e princípios.

Por isso, teria tido e teve opositores e dissidentes, mas nunca adversários que lhe negassem os altos méritos intelectuais e morais, o respeito e consideração que tantas vezes se poluem e conspurcam na vasa das paixões humanas.

Pensador profundo por excelência, Cirne não era dos que se remetem ao estudo das teorias passadas em julgado, para desenvolvê-las e comentá-las apenas, mas, por batear nelas o que de justável pudera encontrar de refôrço aos prismas originais de sua própria lavra e intuição.

Nêste particular, não há como desconhecer nêste, como nos livros que o antecederam (1), nos copiosos artigos do «Reformador» e na sua parenetica oral, a expressão de um providencial mandato, honesta e convictamente cumprido.

* * *

Em pleno domínio de Acrologia, visualisando facetas da mais alta e sutil transcendência, póde-se esmar a meticulosidade com que se abeberou nas fontes mais puras, assim demonstrando uma vasta e variada cultura, não para capitular ou estadear erudição ruminante e farfalhuda, mas por estribar-se em argumentos e conjecturas de sua própria lavra.

Temos assim que se não trata, aquí, de um livro vulgar para o leitor vulgar; é obra de gabinete, que desafia argamassa de estudo e meditação, ademais vasada e filigramada em vernáculo de bom quilate.

Eu bem sei que houve e há quem o increpe ainda de tal ou qual prolixidade e culturanismo; mas, tendo-o conhecido *in intimis et in cuti*, ainda nêste particular, quero render-lhe a minha admirativa homenagem, no repetir a sediça paremia que diz que o estílo é o homem.

O seu retrato no frontespício desta obra, aí o temos num misto fiél de austeridade e bondade que lhe fluiam do cérebro aos lábios e à pena adamantina.

* * *

Certa feita, num rápido interlóquio na Esplanada do Castelo, com a franqueza que também me prezo de cultivar, ousei arguí-lo:

—Por que, ao envés de grossos volumes em téla rígida e catedrática, não desimetrar o ensino simplificado ao gosto e capacidade populares?

— Filho, (expressão muito dêle) eu não escrevo para as massas, não requesto popularidade. Escrevo para mim e para o futuro, confio em Cristo Jesus e na Posteridade... A um e outra entrego o modesto contributo do meu trabalho.

E confugiu-se e velou-se num gesto meditativo todo-êle.

* * *

Intuição admirável! Decorridos 20 anos, quem lêr hoje estas páginas com *olhos de vêr*, verá que o preopinante emérito e arguto não omitíu um só dos árduos problemas que nos defrontam, nêste incerto e sombrio, quão caótico fim de milênio.

---

(1) Doutrina e prática do Espiritismo — Anticristo Senhor do Mundo.

A ambição desmedida pelas cousas materiais produz frutos amargos. O verdadeiro cristão tem as suas vistas voltadas para os bens espirituais, que sempre produzem frutos sazonados: «Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acrescimo», disse Jesus. Que êste preceito vos sirva de orientação, afim de que as cousas mundanas não vos iludam. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

Um caso curioso

Um indivíduo dos seus 23 anos encontrava-se empregado numa casa comercial de exportação, situada numa cidade vizinha de Manchester, e costumava a vir duas vezes por semana frequentar as classes de espanhol e francês na Escola Superior do Comércio.

Num belo dia de fevereiro passado leu um anuncio num jornal oferecendo uma boa colocação numa das cidades mais importantes duma das Colonias Portuguesas

Decidiu-se a responder a êsse anúncio e dias depois recebeu um convite para se entrevistar com o Diretor duma conhecida casa exportadora.

Na noite dessa sua entrevista foi à Escola e contou o sucedido ao seu professor, rogando-lhe o favor de ajudá-lo a comunicar com um indivíduo, de preferência português, de fórma a poder colher impressões, pois nunca tinha saído da Gran Bretanha.

Acontece que o professor foi um dos meus bons alunos e naturalmente lhe deu o meu nome e direção do escritório.

Eramos naturalmente totalmente desconhecidos um do outro e, como naquela ocasião da entrevista me encontrava de mau humor e arreliado pedi ao homem para escrever à firma e a rogar-lhes para lhe enviarem as suas condições de Contrato, todavia, disse eu, de modo absolutamente nenhum, deverá aceitar nem mais nem menos do que o seguinte:

a) — Um contrato por três anos e no final desse período seis meses de férias com todas as despesas pagas incluindo o ordenado.

b) — O contrato a ser renovado ou não depois de estar de gôzo de férias aquí na Inglaterra.

c) — Gastos de viagem de primeira classe, uma certa importância para ser gasta na aquisição de enxoval próprio para o clima tropical.

d) — Um ordenado fixo mensal de x...

e) — A obrigação de no caso de vir a ficar enfermo e impossibilitado de continuar a viver naquela Colonia, ser-lhe paga a viajem de regresso e o ordenado de seis meses, e sendo possível a oferecerem-lhe uma posição na casa matriz.

Pedi-lhe para não fazer esta ou outra qualquer proposta, mas sim a aguardar as noticias sôbre o que a casa estava preparada a oferecer lhe. Levantou-se, apertou-me a mão pedindo desculpa por me ter dado esta estopada e que não me arreliasse com as misérias da vida, o egoismo, ingratidão e esquecimento em que me deitaram diversos «abortos humanos», pois a minha recompensa será muito melhor do que a dêles. Fiquei por uns momentos pensativo e mesmo curioso com o modo como êste desconhecido se despediu de mim.

Passados uns momentos bateu de novo à porta dizendo: — Não me esquecerei de comunicar consigo e por agora, adeus, até a vista!

Três dias depois veiu ver-me dizendo que a proposta que recebeu foi exatamente como aquela que eu lhe dei e que nesse mesmo dia tinha sido vacinado. Espera dentro de poucas semanas seguir até à África. Falámos sôbre vários tópicos, incluindo o facto de meu filho ter desencarnado durante a última guerra e a eu estar interessado em Espiritualismo.

— Não me admira absolutamente nada disso, disse me o homem pois que eu sou desde alguns anos também um espiritualista e quando o vi pela primeira vez, enquanto estava falando comigo vi uma aura e várias luzes celestiais a envolve-lo, mas, receando a que seguisse a religião Católica Apostólica e Romana, esquivei-me de entrar em polêmicas alheias aos fins que me trouxeram à sua presença.

Temos aquí mais um caso interessante que me convenceu a que efectivamente há ocasiões em que somos guiados pelos nossos amigos do «Além».

No que fica acima exposto não só nunca nos vimos, como também êsse amigo novo me assegurou que nunca leu nenhum dos meus artigos publicados no «Two Worlds», e que em facto, se eu não tivesse mencionado a êle a minha crença de sua parte teria ficado absolutamente satisfeito em reconhecer que tinha sido «guiado» por alguém do Outro Mundo, para se pôr em comunicação e contacto comigo.

Há depois o facto de eu nunca ter estado na Africa Portuguêsa e desconhecer por completo o modo e carestia da vida alí. Finalmente não houve qualquer comunicação telepática entre o Diretor da casa que vai empregar êsse rapaz e a minha pessoa, pois não nos conhecemos e de sua parte estava positivamente ignorante dessa nossa entrevista.

Narrei o sucedido a um católico ferrenho o qual replicou:

Parvoices, Duarte. Você um dia destes entrará num Manicômio!

E a minha resposta foi rápida e enfática:

— Se o meu destino me levar a terminar os meus dias cá na terra num desses estabelecimentos, estou convencido de que encontrarei alí alguns indivíduos muitissimo mais inteligentes, e possuindo mais juizo do que você!

Frederico Duarte — Manchester.

Estranho caso de «cura» por exorcismo

WASHINGTON, 20 (AFP) — A ciência moderna cedeu lugar ao ritual católico secular para que se conseguisse a cura de um jovem que sofria de estranha enfermidade. Trata-se de um menino de 14 anos, residente em Mount Rainier, nas proximidades de Washington, sujeito a ataques semelhantes aos da epilepsia, durante os quais gritava e fazia declarações em latim, lingua que jamais estudára, segundo depoimentos de seus professores. Além disso, acontecimentos desconcertantes assinalavam a presença do jovem, de acôrdo com afirmações de um padre católico e de um pastor protestante que o mantiveram em observação: o leito no qual êle dormia se movimentava através do quarto; a poltrona na qual costumava sentar-se caía frequentemente e, por varias vezes, frutas colocadas sôbre uma geladeira, projetavam-se de encontro à parede, sem que ninguém as tocasse, quando êle as procurava alcançar.

O menino foi transportado para o Hospital Católico da Universidade de Georgetown, e depois para o da Universidade de Saint Louis, onde todos os métodos modernos da medicina em geral e da psiquiatria em particular foram insuficientes para curá-lo. Foi então que o remédio «sobrenatural» foi lembrado, pois o enfêrmo, segundo o admitiram alguns médicos, «tinha um mau espírito no corpo». Diante disso, um padre recorreu ao ritual secular do exorcismo. A luta que se travou em seguida entre o sacerdote e o espírito foi dramática. O padre permaneceu junto ao jovem durante mais de dois meses, recitando dezenas de vezes o ritual, depois de se ter submetido a um rigoroso jejum. Antes de cada leitura do ritual do exorcismo, que consta de 27 páginas, o padre celebrava uma missa. E cada vez, no momento de pronunciar as palavras decisivas do ritual («eu te ordeno, espírito impuro, a ti e a teus associados, que atormentam êste amigo de Deus, que reveles teu nome e o dia e a hora de tua partida, por meio de um sinál. Te ordeno que obedeças e que não mais ofendas esta criatura de Deus»). Nessa altura a crise de que era preso o menino atingia o máximo.

Finalmente, o sacerdote levou a melhor sôbre o seu adversário. Os acessos do enfêrmo diminuiram de violência, cessando, depois, completamente. O último ritual, que expulsou definitivamente o demônio, foi recitado em Maio e desde então o jovem ficou livre da influência do malígno, contra a qual a ciência nada pôde fazer.

O jornal desta Capital, «Washington Post», publicou hoje uma breve reportagem sôbre o «milágre», em sua primeira página.

De «O Estado de São Paulo»

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Noticias de S. Paulo

A 7 de Agosto p.p., realizou-se a solenidade do lançamento da pedra fundamental da INSTITUIÇÃO BENEFICIENTE NOSSO LAR, á Rua Almeida Torres, 108, no bairro do Cambuci, em terreno doado pela exma. confreira D. Lidia Mateus e seu esposo.

Marcado o início da festividade para as 15 horas, muito antes acorreram ao local inumeros confrades e pessoas de todas as camadas sociais.

Notámos a presença de representantes e sociedades devidamente credenciadas ao ato como: Federação Espírita do Estado de S. Paulo, União Social Espírita, União da Mocidade Espírita, Lar da Família Universal, Livraria Allan Kardec Editora, Hora Espiritualista, todas da Capital e mais: Diretores da Casa de Lazaro, do Rio de Janeiro, e os orgãos «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo.

Representando oficialmente o Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros, esteve presente o ilustre Snr. Capitão Irineu Castro, nosso confrade.

O Dr. Flavio Pinheiro, médico em Ibitinga, preparou os aparelhos para gravação e impressão dos discursos que seriam proferidos. Auxiliares e tecnicos o assistiram para que o espectáculo fosse completo e nada se perdesse.

Na gravação, o Dr. Pericles Moreira Senna, Engenheiro da Central do Brasil e um dos grandes colaboradores da Instituição.

A's 15,30 horas, tudo pronto e com a palavra o confrade Antonio R. Monte-Mór, que, após saudar os presentes, convidou D. Lidia Mateus para deitar a primeira pá de cal e cimento, o que foi feito debaixo dos aplausos de todos.

A seguir, fomos para o palanque armado e florido, tendo ainda a se descortinar pela nossa frente, a beleza panorâmica da planicie verde dos campos e dos telhados alvos das casas adjacentes.

O sol que nos aquecia estava brilhante, de maneira a nos encher de satisfação, parecendo-nos que tudo estava contribuindo como surpreza grata aos nossos corações, lembrando-nos a graça e a misericórdia do Pai Celestial, que nos é dada constantemente por acréscimo.

Impossivel descrever a vibração reinante. Como primeiro orador foi á tribuna o Dr. Luiz Monteiro de Barros, discorrendo sôbre o significado daquela obra, abordando serenamente assunto de magna importância doutrinária.

Após, a Srta. Nancy Puhlmann, como que iluminada pelos irmãos do Alto, interessados como sempre em obras tais, arrebatou-nos com a sua palavra cheia de ternura a par da sua bela preparação espiritual.

Outro orador, Pedro de Camargo, o querido Vinicius, iniciou a sua peroração dissertando sôbre o campo educacional e afetivo, desenvolvendo tése de profundos ensinamentos.

Fez uma saudação ás dignas obreiras do «Nosso Lar» e discorreu ainda sôbre o problema da criança abandonada, de modo claro e elevado. Pena não podermos traduzir aqui a grandiosidade das palavras dos oradores.

Terminando, assomou á tribuna D. Olga de Brito, DD. Sacretária da Instituição, que nos falou em rápido relato das lutas e da vida do «Nosso Lar» e do que se projeta em futuro próximo. Comovidissimos, ficámos a pensar si não é veridico que já estamos vivendo a hora da felicidade terrena.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

A's 18 horas, o cronista, em nome da Direção, agradeceu a presença de todos que foram ali levar a preciosa colaboração, dizendo do quanto eramos felizes em nos ajudarmos mutuamente, como a nos lembrar o «Amai-vos uns aos outros» do Mestre. Dentro em pouco as lagrimas, os abraços e os corações fundiram-se num só amplexo.

Conseguimos anotar ligeiramente as seguintes pessoas presentes á reunião: Prof. Anselmo Gomes, Carlos Herschel e familia, D. Maria Augusta Puhlmann, D. Olinda Monte Ablas e Gicelia Ablas, Najma e Laura Craide, Dr. João Batista Dinola, Dr. Bruno Fulchi, Bruno Severino, Flavio Paciello, Ernani Mendes Clare, D. Eneida Moreira Senna, Quininha

Freitas, Dr. Homero P. Vallada e Dr. Euripedes de Castro. Mais de uma centena de senhoras e senhorinhas, encheram essa tarde de graça e espiritualidade, encantando-nos sobremaneira com a sua dedicação e cooperação, dando brilho á festividade, o que muito contribuiu para o êxito da reunião.

O exmo. sr. Deputado Federal, Prof. Romeu Campos Vergal, por motivos imperiosos, não poude comparecer, fazendo-o, todavia, por representação.

A «Revista Internacional do Espiritismo» associa-se sinceramente aos queridos irmãos de mais uma futura Casa da Criança Abandonada, o «Nosso Lar», desejando-lhes prosperidades.

Vicente S. Néto

Aos Centros Espíritas

Do Deputado Castro Carvalho, Capitão-médico e nosso distinto contrade, residente à Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1447, com Fone 3-7568, Capital, recebemos a seguinte circular:

«Prezado confrade

Tem esta o objetivo precípuo de chamar a sua preciosa atenção para a necessidade imperiosa de se registrar, de acôrdo com os dispositivos legais que regem a matéria, os estatutos de todos os «Centros Espíritas».

Se, porventura, êsse «Centro Espírita» prestar assistência social à coletividade, quer mantendo asilos, orfanatos ou sanatórios, quer prestando socorro ás populações, deve requerer matrícula no Departamento de Serviço Social (art. 12 do Decreto estadual n.º 9.486, de 13-9-1938), ou no Serviço de Medicina Social (art. 5.º do Decreto estadual n.º 10.880, de 4-1-1940), casos havendo mesmo em que devem pleitear a declaração de utilidade pública, consoante preceitua a Lei federal n.º 91, de 28-8-1935.

Sem essas preliminares e indispensáveis providências estarão os «Centros Espíritas» impossibilitados de receber subvenções ou de gozar de quaisquer outras regalias por parte dos poderes públicos.

Porta-voz dos Espíritas que sou, na Assembléia Legislativa do Estado, terei o máximo prazer em fornecer informes referentes ao assunto, bem como processar o encaminhamento de papeis ás Repartições competentes.

Paz em Jesus

Castro Carvalho.

Livros Novos

PIERINO GAMBA

Isidoro Duarte Santos, um dos mais notáveis escritores espíritas, Diretor da brilhante revista «Estudos Psíquicos», de Lisbôa, Portugal, e que vem lançando a lume obras realmente substanciosas, acaba de enriquecer ainda mais a Bibliotéca espírita com um trabalho tão oportuno quão necessário aos estudiosos do psiquismo à luz da 3.ª Revelação.

Pierino Gamba, o maestro de 11 anos, que assombrou com o seu talento extraordinário Lisbôa, Suiça, França, Belgica, Inglaterra, Dinamarca e Espanha, continua a deixar boquiabertos todos os críticos da especialidade, que afirmam estarem em presença de precocidade musical, que de século em século aparece. De facto, o menino-prodígio tem regido as melhores orquestras da Europa, com capacidade invulgar, eletrizando com o seu talento extraordinário milhares e milhares de pessoas.

O autor, depois de transcrever a opinião dos críticos, de médicos psiquiatras e espiritualistas, passa a abordar o assunto com rara proficiência à luz da 3.ª Revelação, citando factos comprobativos da reincarnação e da sobrevivência individual, terminando o seu substancioso trabalho, que contém 174 páginas, com a seguinte afirmativa: «Só o acúmulo de conhecimentos, só uma técnica vinda de outras éras e fixada nos recessos do perispírito, insensível, por assim dizer, ás mutações da matéria, póde dar um produto semelhante, que nenhuma hipótese materialista explicará jamais em termos compreensíveis».

Aos estudiosos dos assuntos psíquicos recomendamos a leitura dêste brilhante trabalho, afim de aumentarem o cabedal dos seus conhecimentos.

Agradecemos ao autor a oferta de um exemplar.

Novo representante na Capital Federal

Comunicamos aos nossos prezados assinantes residentes na Capital Federal que o sr. Haroldo Marques, residente à Rua Moncorvo Filho, 27, Sob., foi nomeado representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», com autorização para angariar e receber assinaturas de mencionadas publicações.

Este Mundo e o Outro

Está despertando interêsse fóra do comum a Secção «Este Mundo e o Outro», que desde fins de Julho p p. vem aparecendo no brilhante matutino «DIARIO TRABALHISTA» do Rio e que tem em sua direção os confrades Leopoldo Machado e J. A. de Oliveira, com a colaboração de diversos. Ao registrarmos esta auspiciosa notícia, lembramos a todos a conveniencia de prestigiarem o referido jornal que aeolheu em suas colunas tão marcante iniciativa.

Novo Representante

Temos o prazer de comunicar aos nossos prezados assinantes que o sr. Daniel Ferreira da Silva, representante do Abrigo «Pinheiro Machado» de Novo Horizonte, fica, desta data em diante representando «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», com a autorização para angariar assinaturas e passar recibos.

Solicitamos aos nossos prezados confrades dispensarem auxílio a êsse novo representante, na sua missão, o que antecipadamente agradecemos.

Sessão Comemorativa

Com o salão à cunha, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 15 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão comemorativa do 44.º aniversário de «O Clarim».

Fez a prece de abertura a companheira Zélia Perche, usando da palavra, a seguir, o companheiro Campêlo, que falou sôbre o motivo da reunião. A seguir recitaram poesias as seguintes crianças da aula espírita «Cairbar Schutel»: Elvira Perche Campêlo, «Ao Clarim no dia 15 de Agosto»; Sebastião Casadei de Oliveira, «Clarinadas Supremas»; Alice Coelho, «O Clarim»; José Casadei de Oliveira, «Igreja em casa»; Edni Gonçalves, «15 de Agosto»; Carlos Eugenio Olson, «15 de Agosto»; Elza Catarina Olson, «Ao Clarim»; Elvira Perche Campêlo, «Homenagem ao Clarim no dia do seu aniversário».

Usaram da palavra os seguintes confrades: José Dias, por si e pelos Centros Espíritas «Fé e Caridade», «Verdade e Luz», «Casa dos Espíritas» e «Albergue Noturno», de Rio Claro; José Augusto Camargo, por si, pelos irmãos Volpe e Centro Espírita «Fé e Caridade» de Jaboticabal; Guilherme Rocco, de Nhandeara; André Alonso Garcia, de Ida Iolanda; Onofre Baptista; José Balbino Cardoso, de Araraquara e Carlos Olson, de Matão.

Encerrou a sessão que terminou ás 21 e 30 o companheiro Costa Filho.

A seguir foi oferecido aos presentes bandeijas de doces e sanduiches.

Lourenço Bianchi

O nosso antigo representante-viajante, sr. Lourenço Bianchi, que há um ano mais ou menos, havia se afastado do serviço, por motivos imperiosos, acaba de reassumir o seu antigo posto, como representante de «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e «Abrigo Pinheiro Machado», de Novo Horizonte.

Iniciando a sua excursão, a serviço da Doutrina, êste nosso representante visitará as zonas servidas pela Alta Paulista, de Itirapina, via Jaú, até Agudos, etc., voltando pela Douradense e terminando a sua presente excursão em Novo Horizonte.

O sr. Lourenço Bianchi espera de todos os confrades a mesma acolhida que sempre lhe dispensaram o que antecipadamente agradecemos.

Baseada na caridade, a doutrina de Jesus é a estrela da vida a apontar o verdadeiro caminho que conduz á mangedoura da felicidade. — MARIQUINHAS.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 35,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	40,00
	Semestre —	,,	,,	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. $3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro